

Ensino no teatro on-line: relatos de experiências

Teaching at the on-line theater: experience reports

Maria Neide Batista de Oliveira
Francisco Nágilo de Queiroz Menezes
Hertenha Glauce da Silveira Queiroz

349

Resumo: O presente artigo apresenta as experiências vividas nos anos de 2020 e de 2021 por professoras do ensino de teatro da rede pública, da rede privada do ensino fundamental e de curso livre através de aulas remotas e/ou híbridas, durante o período da pandemia da Covid-19, em Fortaleza. O objetivo é entender as diversas realidades que interferem, diretamente, nos resultados do processo de ensino. Aborda as metodologias utilizadas na produção das aulas on-line de teatro e elabora breves reflexões sobre as reações e ações dos alunos diante das adaptações das aulas para o formato virtual e/ou híbrido. Apresenta ainda, reflexões das professoras diante da necessidade de readaptar suas aulas, bem como, reflete sobre as diferentes realidades de cada campo de atuação das docentes presentes neste artigo.

Palavras-chave: Ensino do Teatro; Ensino on-line; Educação; Teatro.

Abstract: This article presents the experiences lived in the years of 2020 and 2021 by teachers of theater education from the public network, from the private network of elementary school and from free courses through remote and / or hybrid classes, during the Covid pandemic period. -19, in Fortaleza. The goal is to understand the different realities that directly affect the results of the teaching process. It addresses the methodologies used in the production of online theater classes and elaborates brief reflections on the reactions and actions of students in the face of the adaptations of the classes to the virtual and / or hybrid format. It also presents the teachers' reflections regarding the need to readapt their classes, as well as reflecting on the different realities of each field of activity of the teachers present in this article.

Keywords: Theater Teaching; Online teaching; Education; Theater.

Introdução

No final de 2019, o mundo se deparou com um fenômeno trágico: a pandemia de COVID – 19. Os habitantes da Terra tiveram que lidar com o desconhecido mais uma vez. O vírus SARS-CoV-2 atingiu todas as partes do planeta. Atualmente, o número de casos e de mortos só cresce, por isso, todos tiveram que entrar em um novo ritmo, ou seja, desacelerar ou ainda, acelerar para se adaptar e conseqüentemente se reinventar. Isolados, aciona-se a criatividade, utilizando-se o que está ao alcance.

A tecnologia, por mais avançada e desenvolvida que se possa imaginar, não pôde suportar o momento. Mesmo diagnosticando o problema, as



máquinas ficaram estagnadas ao simples ofício de transmitir informações e pesquisar. O estopim foi o medo de amanhã voltar ao normal ou não voltar mais. O tempo passa, a vacina é uma realidade, mas agora, no estado atual, o anseio de voltar a “normalidade” cresce. Porém, a maneira de retornar é o principal desafio. Vivemos tempos difíceis, a dúvida e a incerteza nunca foram tão presentes na vida da humanidade.

A educação é um dos espaços mais atingidos por essa pandemia. Os danos com relação ao processo educacional, talvez, sejam irreversíveis. Nas inúmeras diferenças de níveis, estrutura, qualidade de profissionais ou qualquer outra instância, parece que a escola regressou à estaca zero. Tanto as instituições de ensino privadas, públicas ou cursos livres, tiveram mudanças, em algumas as aulas foram interrompidas por um curto período, antecipando férias letivas e/ou suspendendo atividades por um período indeterminado. Em outras, a adaptação aconteceu simultaneamente às descobertas e aprendizagens das novas ferramentas, através de treinamentos em horários extras, incluindo fins de semana e noite. Os discentes ficaram inseguros, buscando acompanhar os conteúdos. Os professores e professoras tiveram que aprender a se reconstruir no auge de seus temores e angústias e em tempo recorde. Com isso, surge uma novidade entre os estudiosos da educação: docentes, discentes, núcleo gestor e os trabalhadores e as trabalhadoras da escola, no ensino remoto.

O ensino remoto, assim como quase todas as coisas dessa crise sanitária mundial, aparece como um coelho na cartola do mágico, totalmente de forma inesperada. Diante dessa descoberta, os ensinamentos se adaptaram aos meios tecnológicos. Lembrando que esses elementos digitais, já existiam, só que agora seriam essenciais e imprescindíveis para a construção de conhecimentos. As aulas não podem ser presenciais, devido ao alto poder de contaminação do vírus. Logo após aprovação do Conselho Nacional de Educação, o ensino remoto chega e quem sabe, para ficar.

Relato: o ensino de teatro on-line na escola pública



Atuo há dois anos em um projeto da prefeitura que se mantém em algumas escolas públicas que se chama “Aprender Mais”, no qual tem como um dos objetivos trabalhar com os estudantes no contraturno do seu horário de aula, com atividades extracurriculares que seriam: teatro, educação patrimonial, capoeira, português e matemática para alunos com maiores dificuldades de aprendizagem.

Com o início da pandemia da covid-19, nós colaboradores do Projeto Aprender Mais não pudemos contar com as escolas que trabalhamos, pois as mesmas não tiveram tempo de planejar o que fariam em relação a nossa mão de obra, visto que a prefeitura não se preocupou em tomar uma posição a respeito da nossa situação. Ficamos à deriva. Somente em outubro de 2020 fomos convocados para retornar às atividades de forma remota que viriam com desafios ainda maiores do que no presencial.

No ensino remoto nos deparamos com a seguinte situação: os coordenadores enviam uma lista com os telefones dos alunos que necessitam de maior suporte e que não estão entregando as atividades de forma assídua - na escola pública não acontece aulas on-line por plataformas como o *Google meet*, pouquíssimos professores o utilizam e a presença dos alunos é bastante escassa.

Para conseguir interagir com todos os alunos criamos grupos no *Whatsapp*. Descobrimos que alguns números não pertencem aos alunos, outros que só há o nome na lista, mas os números são inexistentes e ainda aqueles que o telefone da lista é de algum familiar.

Uma situação em particular, mas não menos comum: dois alunos, irmãos, de turmas diferentes com o mesmo número de telefone que pertence à mãe deles e a própria, não podia acompanhar as atividades dos filhos porque passava o dia trabalhando e precisava do aparelho.

Nessas circunstâncias, a escola entrega para esses alunos junto com a cesta básica, um conjunto de tarefas impressas para os alunos resolverem e devolverem até o próximo encontro de recepção das cestas básicas. Quem auxilia esses estudantes na resolução dessas atividades, como eles estudam o



conteúdo escrito nelas? Esse é o tipo de questionamento que está no limbo enquanto os alunos estiverem nesse formato de ensino.

É evidente que a evolução e a construção do conhecimento nessas condições são muito difíceis de calcular, bem como o que tem sido considerado como benefício intelectual para esses alunos. É explícito que o ensino de teatro tem tido um notório prejuízo nesse novo formato na escola pública, por ser uma tarefa quase que inviável para os meios que os alunos possuem para a prática discente do cotidiano escolar. Ainda mais, que nossas aulas de teatro foram substituídas por reforço escolar.

O Teatro On-line na Escola Privada

Sou professora de Teatro há alguns anos e nos últimos sete anos, venho trabalhando numa escola tradicional da rede privada, que há mais de trinta anos teve a ideia vanguardista de trazer o teatro para dentro da escola, primeiramente como recurso didático e depois assumindo como arte que se bastava em si mesma. Daí surgiu um grupo regular de teatro, oficinas de teatro para os mais jovens e inexperientes e a disciplina obrigatória, dentro do currículo escolar, para o 5º ano do Ensino Fundamental.

Muitas alegrias, novidades e desafios foram se formando e gradativamente, ia superando-os, mas nenhum se compara ao desafio do ensino remoto, seguido do ensino híbrido em teatro (disciplina prática), onde os encontros, trabalhos conjuntos e troca de afetos através do contato físico é a base, ficariam suspensos. Mas como dar aulas de teatro nesse formato?! Palavra-chave: (Re)Invenção. Todos os planos de aula foram revistos, repensados e refeitos a “toque de caixa”¹. Não havia tempo a perder, era hora de utilizar a mais potente ferramenta do teatro, a criatividade e assim fizemos! Como nos diz SPOLIN (2004), “os métodos se alteram para atender às necessidades de tempo e lugar”.

As aulas remotas e híbridas eram uma incógnita. Ninguém tinha segurança sobre os resultados, mas não podíamos paralisar, principalmente, por entendermos a relação dos jovens com as tecnologias. A percepção que

¹ Expressão brasileira, usada para alertar sobre agilidade, pressa e rapidez.



certas atividades ou jogos funcionam, só poderiam ser comprovados com o experimento, a tentativa e assim cada aula parecia um recomeço, mas como todo recomeço, a esperança era o nosso combustível: vai dar certo! Mais do que nunca, se concretizou a certeza de que o aluno é mais que mero espectador, é um construtor do saber e sendo assim, ele mais que eu, dominava a tecnologia. A parceria era inevitável. “Aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.” (FREIRE 1996: 13)

Tem-se observado a mobilização em se adotar novos modelos na Educação, ou seja, o ensino tradicional centrado no professor, onde este possuía toda a informação é descontinuado, uma vez que tal perspectiva perde espaço na sociedade da informação. Desse modo, a informação está disponível na internet e os alunos não dependem mais do docente para acessá-la (DA SILVA COELHO, 2020, p.4).

Aquela disciplina em meio ao isolamento social necessário, às aulas virtuais, o cansaço, o tédio, parecia ser um alento pois ali, alunos e professora podiam extravasar, sorrir, brincar e por alguns minutos, perceber que seria possível.

Várias foram as formas de envolver os alunos que teimavam em deixar microfones e câmeras desligadas, sem permitir ao professor saber se, ao menos, estavam ali, se estavam atentos e se tudo aquilo fazia algum sentido.

A imaginação é puramente particular, subjetiva e intransferível. Cada ser imagina de acordo com sua visão de mundo, suas subjetividades, particularidades. Não se quer um pensar coletivo e, sim, um pensar diferenciado e único. Os fatos apresentados em quaisquer situações são fatos misturados e que são ordenados a partir das vivências pessoais, identificando e categorizando as prioridades (QUEIROZ, 2005, p. 2).

Uma das estratégias utilizadas foi criar slides criativos, bem elaborados, coloridos e com imagens que completavam as informações, ilustrando-as. A proporção que o slide chamava a atenção, alunos se interessavam em participar através das leituras. A cada slide, um aluno era convidado a ler, a priori do jeito que ele se sentisse à vontade, sem câmera ligada, por exemplo. Com o tempo e as aulas, consegui que para ler o aluno deveria ligar sua



câmera e mais janelinhas iam sendo abertas. Penso que o coração das crianças também.

Uma segunda estratégia foi apresentar um vocabulário teatral. Palavras do universo do teatro, como figurinos, adereços, palco, plateia, coxia, dramaturgia etc., foram sendo apresentadas. Após esse conhecimento, pedia como atividade para aula a seguir, que cada aluno trouxesse um adereço qualquer. Ao chegar à aula, várias janelinhas se abriam para mostrar seus adereços, seguidos de justificativas e até falando sobre que personagens eles poderiam ser. Deram-me o mote: próxima aula seria lido algum trecho de poema onde o “personagem” aparecesse com seu respectivo adereço. Pronto, já podíamos criar um sarau!

É preciso, sobretudo, e aí já vai um desses saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p.12).

O sarau foi construído lindamente. Foram apresentados poemas de Vinícius de Moraes e Cecília Meireles. Cada aluno escolhia o seu. Com as aulas seguintes, improvisamos, alunos começaram a decorar seus poemas, íamos pensando e alunos mostrando figurinos e adereços improvisando com o que tinham em casa. Nesse momento, já tínhamos 98% de janelinhas abertas, prontas para abraçar virtualmente, uns aos outros e encarar o desafio de fazer teatro virtual. Funcionou e as apresentações foram incríveis!

2021 chega e os desafios seguem a todo vapor! Quase um recomeço, pois os alunos de agora, não tinham experimentado o que os alunos de 2020 nas aulas de teatro tinham vivido. Vamos recomeçar! Mas, por onde? Jogos Teatrais!

A motivação a partir das leituras dos slides segue. Eles gostam e participam. Abrem suas câmeras. Um bom primeiro passo. Então, precisaríamos avançar e aí entra o jogo teatral. Dinâmicas são pensadas e executadas virtualmente.



As pessoas inspiradas podem andar pelo palco (casa), falar animadamente. Os olhos brilham, as ideias jorram e o corpo libera suas tensões. Se muitas pessoas estiverem inspiradas simultaneamente, o próprio ar ao redor delas parecerá brilhar e dançar de excitação (SPOLIN, 2004, p. 27).

Primeiro exemplo de jogo teatral que trazemos é a partir do tema Atenção e Prontidão. Que jogo utilizarmos? Lembrei-me do “Bola Invisível”. Perfeito. Ao invés de olhar nos olhos para indicar para quem jogaríamos a bola, poderíamos dizer o nome dos alunos, que deveriam estar com câmera ligada, para receber a bola. A atenção e prontidão ficaria por conta do tamanho da bola e ritmo que o jogador 1 a arremessaria. O jogador 2 deveria recebê-la com a mesma velocidade e tamanho. Depois poderia novamente recriar a bola para arremessar a outro aluno e assim, sucessivamente, envolvendo mais alunos. Criando dificuldades e sendo imprevisíveis, causariam surpresas. Impressionante como a cada jogada, uma janelinha a mais era aberta.

Um segundo exemplo foi jogar o “Júri Simulado”, para o tema Comunicação. Aqui criamos uma dificuldade. Não bastava apenas abrirem câmeras e microfones, mas o momento certo para que isso acontecesse. Além disso, apresentamos os personagens desse jogo antecipadamente e, cada aluno deveria buscar criar esse personagem a partir das características, ações, formas de falar e lidar com um tribunal jurídico. Apresentamos temas e abrimos votação para que o tema vencedor fosse debatido no júri. O poder de argumentação da Defesa e da Promotoria, influenciava a decisão dos jurados. Foi incrível o envolvimento e o comprometimento com que realizavam a atividade. Soube, inclusive, que algumas turmas continuaram a jogar o “Júri Simulado” no intervalo de recreio. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática ativismo.” (FREIRE, 1996: 12)

Sabemos as dificuldades de se (re)inventar em plena pandemia, mas como o lugar da Educação é um eterno (re)aprender, “arregaçamos as mangas”² e partimos para o que, no início, parecia um túnel sem luz ao final. Fomos tateando dia a dia e (re)significando valores, aprendizagens e

² Expressão brasileira, usada para alertar sobre estarmos preparados para começarmos.



principalmente, nossas limitações. Aprendemos a pedir ajuda, inclusive aos nossos alunos, sobre ferramentas tecnológicas e aos poucos fomos entendendo esse funcionamento, percebendo inclusive, que será um caminho sem volta. A tecnologia entrou nas nossas aulas e permanecerá.

Felizmente, a educação nos dá esta possibilidade de revermos, corrigirmos e aperfeiçoarmos nossas aulas e condutas. É exatamente, quando colocamos nossa prática diante dos alunos, que nossa ação se confirma e é a partir dessa inter-relação que percebemos os ajustes possíveis.

Ainda estamos, como sempre, em constante aprendizado, mas felizes com os resultados, com as possibilidades e os retornos recebidos. Nos ajuda na percepção sobre o que, de fato, funciona em aulas virtuais/híbridas e assim, nos fortalecemos diante do imponderável.

Experiência dos cursos livres em teatro

Sou professora de Teatro para adultos e crianças na cidade de Fortaleza. Atuo na área de ensino há mais de seis anos. As aulas de cursos livres são diferentes das demais por um motivo peculiar: o aluno que está matriculado nessa turma está ali porque quer, possivelmente, paga pelo curso. Isso faz com que tenha uma diferença substancial de resultado, uma vez que nas outras realidades de ensino, o aluno não escolheu fazer a aula de teatro, mas a mesma é colocada em seu currículo escolar sem prévia consulta.

Sabendo da importância de tal medida, a direção da escola sugeriu aos alunos que participassem das aulas no formato on-line. Os professores tiveram que adaptar seus planos de aula para esse formato em um curto espaço de tempo.

A escola supracitada possui duas turmas, uma adulta e outra infantil. Porém, o relato será o da turma adulta. As aulas foram ministradas via *Google meet* com duração de 1h e 30 minutos, com uma média de 13 alunos com idade entre 18 e 43 anos. Dessa forma, essa turma é considerada uma turma adulta mista.

No primeiro encontro foi proposto um momento de apresentações. A turma era composta por alunos das cidades de Fortaleza, Salvador, Natal e



Maceió, mostrando que através do ensino de teatro no formato on-line, é possível atingir uma maior variedade de culturas e regiões.

Os alunos começaram um momento de alongamento. À medida que ia sendo mostrado os movimentos, era explicado o efeito daquele alongamento no corpo e sua importância na cena. Por seguinte, foi a vez de fazer aquecimento vocal. Foi percebido que muitos alunos não tinham conhecimento do seu aparelho fonador e da importância do mesmo no Teatro.

Em seguida, foi proposto outro aquecimento, a capotagem³. A turma pôde experimentar tocar o próprio corpo e perceber sua anatomia de forma mais próxima e suas potencialidades corporais. Alguns alunos chamaram pessoas que estavam em suas casas para realizarem a capotagem em si. Nesse momento, foi possível ver na câmera alguns familiares dos alunos, o que causou mais proximidade, pois nas aulas seguintes, os próprios alunos começaram a perguntar pelos parentes.

Logo após, os alunos foram convidados a falar um pouco sobre suas motivações em fazer teatro. Alguns relataram que gostariam de adquirir mais técnicas para apresentações de teatro na Igreja. Outros disseram que estavam ali por curiosidade e por achar que tinham talento e que queriam desenvolvê-lo.

Iniciei uma conversa na qual foram abordadas as diversas possibilidades do Teatro, uma vez que os alunos poderiam utilizar o que aprenderam na aula, em suas vidas cotidianas. O Teatro colabora com a comunicação dos tímidos e dos que falam muito.

A turma então estava pronta para iniciar o jogo teatral, o qual é o momento da aula em que o aluno é visto pelos demais em cena. Normalmente, aqui o aluno se relaciona consigo e com o espaço, conforme Japiassu afirma.

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. Para entender a diferença entre o jogo teatral e o jogo dramático, é preciso lembrar que a palavra teatro tem sua origem no vocábulo grego theatron, que significa "local de onde se vê" (platéia). Já a palavra drama, também oriunda da língua grega, quer dizer "eu faço, eu luto" (Slade 1978, p. 18) (JAPIASSU, 2001, p. 25).

3 É um aquecimento teatral que consiste em uma pessoa dar leves tapas com as mãos em formato de concha no corpo do outro aluno que está encurvado. A intenção desse aquecimento é ativar o corpo de quem está recebendo a capotagem



Durante a aula, foi proposto o jogo das emoções da rosa. O exercício consiste em cada aluno falar o seguinte texto: “senhor, receba essa rosa que aquela senhora mandou entregar para aquela senhora como se fosse” (e nesse momento o aluno fala um personagem e um sentimento com o qual o próximo aluno passará a flor para o outro aluno.). Um dos alunos, por exemplo, decidiu que o próximo colega iria passar a flor como se fosse um palhaço triste. Neste momento, os alunos se sentiram motivados e o jogo passou por duas rodadas. Aqui cada aluno pôde ter seu momento e ser observado pelos outros, configurando assim em um jogo teatral.

Aqui foi percebido que a abertura a novas possibilidades de cena, de emoções e de personagem é gradual. No começo do jogo os alunos estavam tímidos, uma vez que muitos estavam assistindo a aula pelo celular na sala de casa, onde passavam seus familiares. Esse jogo possui diversas possibilidades, uma delas é a construção de personagens e sentimentos.

Na segunda rodada do jogo, quando os alunos já estavam confortáveis, a professora propôs que os alunos sugerissem personagens conhecidos por todos e que cada personagem tivesse um sentimento. Por exemplo: um cantor triste, uma professora de matemática com raiva, um rato apaixonado. Foi um momento divertido no qual os alunos foram se relacionando através da descontração.

Neste momento, surgiu uma discussão sobre o ator e o personagem. Os alunos apontaram que era necessário saber dividir a vida do ator e do personagem, bem como seus sentimentos diversos. Finalizei o assunto falando que essa diferenciação é primordial para que haja uma saúde mental do ator, uma vez que este poderá ser colocado em diversas situações emocionais para a construção do personagem e, da mesma forma que ele entra na psique do personagem, será preciso sair.

O momento seguinte foi o jogo dramático, que segundo Japiassu (2001)

(...) todos são "fazedores" da situação imaginária, todos são "atores". No jogo teatral, o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em equipes que se alternam nas funções de "jogadores" e de "observadores", isto é, os sujeitos jogam deliberadamente para outros que os observam (JAPIASSU, 2001, p. 25).



O jogo dramático proposto na aula foi o seguinte: cada aluno escreveu no chat uma frase aleatória. Em seguida a turma foi dividida em duplas e os outros alunos escolheram um lugar para a cena acontecer e os personagens que estariam nela. A dupla poderia escolher a situação. Assim, os dois alunos tinham que construir uma cena improvisada de até cinco minutos e em algum momento colocar uma das frases que foram escolhidas no começo da aula. Nesse momento, foi possível investigar a relação de cada aluno com a cena e com o texto. Os alunos observaram que o ambiente on-line é mais difícil de interagir, mas ao final todos fizeram e gostaram do resultado.

Por fim, a metodologia da aula propôs uma prática no ambiente virtual. Ainda aproveitando o jogo da flor, a professora sugeriu que cada aluno gravasse um *stories* de 15 segundos falando o texto do jogo teatral da rosa e que passasse a rosa para o jogador seguinte, orientando com qual personagem e sentimento o outro jogador deveria passar a rosa adiante e assim sucessivamente.

Os alunos definiram, na sala, a sequência e qual o sentimento cada jogador ia pedir para o seguinte. Eles saíram da aula e foram produzir seus *stories* e marcar o *instagram* da Escola Cena & Movimento que publicou os *stories* na ordem combinada em sala.

Nessa atividade, foi possível observar a repercussão do público, uma vez que era uma apresentação rápida e virtual. Os alunos comentaram que durante a gravação ficaram receosos, mas quando viram todos os vídeos na sequência se empolgaram para produzir mais vídeos.

Por fim, é possível encontrar meios para que o ensino do teatro não se apague em meio ao atual cenário. Revisitar os espaços, sejam eles presenciais ou virtuais, é de suma importância para a resistência da vida e da Arte.

Conclusão

O ensino do teatro no ambiente virtual abre novas possibilidades e derruba os muros das limitações espaciais. Podemos enxergar o atual momento com diferentes perspectivas, o que não se pode deixar de lado é a possibilidade de mudança e o poder do teatro de revisitar os acontecimentos e



caminhar com a humanidade em cada tempo e lugar. Dessa forma o Arte escreve um novo tempo: com câmeras, com Wi-fi, 4G e computadores, que aproximam o teatro e mostra que não estamos sós, nem professores, nem alunos.

Por tanto dito e por muito ainda a se falar, não podemos considerar aqui, o ponto final. Ampliamos nosso olhar curioso e inquieto para novas formas de pensar e executar nossa vocação de ensinar aprendendo sempre, mas repensarmos o caminho trilhado aprofundando conceitos e visões de mundo.

E foi buscando promover o exercício da pesquisa/estudo consciente e comprometida, numa forma descritiva, reflexiva e analítica, partindo da práxis para o exercício intelectual lúdico, que apresentamos, com satisfação, nossa pesquisa.

Referências

CORREIA, A (org). **Memória ABRACE IX**: metodologia de pesquisa em Artes Cênicas. Sete letras: Rio de Janeiro, 2006.

DA SILVA COELHO, F. M. T.; COSTA, M. J. M.; BOTTENTUI JUNIOR, J. B. O PROFESSOR CÍBRIDO: O INSTAGRAM COMO MÍDIA DE APOIO À EDUCAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR. **Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. ISSN 2237-759X**, v. 45, 2020.

GLAUCE, H., MACHADO. G., LUSTOSA G., FONTELES, B., MENDONÇA, A. (Org). **(Des) Caminhos da Arte-Educação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., v 60, 2006.

GOMES, K. B.; NOGUEIRA, S. M. A. **Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política educacional**: contexto e perspectivas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 16, n. 61, p. 583-595, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, v 13, 1996.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papyrus, 2001.

MARTINS, A. **Didáctica das Expressões**. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

SPOLIN, V. **O Jogo Teatral no Livro do Diretor**. Tradução de Ingrid Koudela e Eduardo Amos do original "Theater games for Rehearsal". São Paulo: Perspectiva, 2004.



STANISLAVSKI, C. **A Preparação do Ator**. Tradução de Pontes de Paula Lima. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Sobre autoras/es

Maria Neide Batista de Oliveira

neide.teatro@gmail.com

Neide Oliveira é especialista em Arte e Educação pela Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ) em 2020, professora de teatro infantil e educadora musical. Atua na área artística em Fortaleza desde de 2010. Formada pelo Curso de Princípios Básicos (CPBT) do Theatro José de Alencar (2015). É aluna do curso de Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE) e membro do Grupo de Pesquisa em Arte e Educação IARTEH, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atriz, diretora, produtora e dramaturga do Grupo Avia de Teatro desde de 2017.

Francisco Nágilo de Queiroz Menezes

menezesnagilo@gmail.com

Nágilo Menezes, Licenciando em Teatro pelo IFCE (Fortaleza), Ator, Diretor e Produtor Cultural, Conselheiro Municipal de Cultura no Segmento Livro, Leitura e Literatura de Pacajus, Dirige o Coletivo Cultural Cearense Arte para Todos, Coordenador do Reisado Estrela do Oriente e Pesquisador Teatral.

Hertenha Glauce da Silveira Queiroz

hertenha@unifor.br

Hertenha Glauce é Mestre em Arte e Educação pela Universidade Aberta, em Lisboa/Portugal. Possui Especialização em Arte e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE e Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará. Atriz formada pelo Curso de Arte Dramática da UFC. Dirige o Grupo Mirante de Teatro da Universidade de Fortaleza, o Grupo ELAS de Teatro e é sócia fundadora da Trupe Era Uma Vez.

Recebido em: 16/06/2021

Aprovado em: 03/09/2021